



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rádio FM Sergipe

Aracaju-SE, 10 de junho de 2010

Jornalista: Bom dia, Edílson. Bom dia, ouvintes da 95,9.

Hoje, Sergipe está em festa. Mais uma vez o Presidente da República, por aqui, para trazer novidades boas, novidades importantes para os sergipanos. Normalmente, quando o presidente Lula chega em Sergipe, vêm novos recursos, novos convênios, novas coisas acontecendo. Presidente já está aqui conosco, no nosso estúdio direto do Hotel Mercure, o governador Marcelo Deda presente, ministros de Estado, e eu começo, óbvio, dando bom dia ao Presidente, dizendo: Presidente, que coisa boa, hein? Vir a Sergipe, mais uma vez, um lugar que sempre lhe prestigiou eleitoralmente, sempre gostou do Lula, e o Lula tem feito por Sergipe também um... há uma reciprocidade, há um carinho recíproco, a gente sente isso, e essa vinda, mais uma vez, para trazer ações e recursos importantes.

Eu quero começar parabenizando... Saiu o Ibope da TV Globo aqui, da TV Sergipe, que é a emissora que a gente transmite, o senhor com 75%, bom porque o nosso programa também é líder de audiência no Ibope... A gente pode falar de igual para igual, não é, Presidente? (risos)

Bom dia, seja bem vindo a Sergipe mais uma vez.

Presidente: Bom dia, bom dia, André, bom dia ouvinte da Rádio FM Sergipe, bom dia querido companheiro, Marcelo Déda, nosso governador, ministro dos Transportes, ministro das Cidades. Também está comigo a presidenta da Caixa Econômica Federal.

Bem, André, eu penso que o Ibope e os outros institutos de pesquisas retratam apenas o resultado de um trabalho muito sério que nós resolvemos



implantar no Brasil sem fazer mágica na economia. Eu acho que o Brasil vive um momento muito especial, quem faz política há muito tempo sabe que nós vivemos quase que um momento mágico, tanto do ponto de vista da nossa política interna quanto do ponto de vista da política externa. Quem faz política e acompanha sabe que o Nordeste nunca esteve em uma situação privilegiada que está hoje, e nós sabemos que é preciso fazer muitas vezes mais o que nós estamos fazendo para que a gente possa recuperar o atraso a que o Nordeste brasileiro foi submetido. Porque durante grande parte do século XX, o Brasil se contentava em ter uma parte do Brasil rica, comparada a qualquer região da Europa, e a outra parte do Brasil pobre, comparada a qualquer região da África. E nós passamos a entender e admitir como possível, de que era possível a gente unir esses dois “Brasis” e igualar esse Brasil. E o resultado mais fantástico que a gente colhe disso é saber que o Nordeste começa a ter mais doutores nas universidades, começa a ter mais mestres nas universidades, começa a ter mais alunos fazendo universidade. Nós criamos o ProUni, que colocamos 706 mil novos alunos nas universidades particulares, e uma coisa sagrada, André: este mês, eu, o ministro da Saúde e o ministro da Educação, vamos entregar os primeiros 540 diplomas para meninos e meninas do ProUni que se formaram em Medicina.

Jornalista: Um curso...

Presidente: Gente da periferia. Mas um curso está custando quase R\$ 5 mil ou mais de R\$ 5 mil, um curso de Medicina. Jamais um pobre poderia estudar.

Jornalista: Medicina era tida com inacessível.

Presidente: Então, é uma coisa fantástica. Ontem, depois que eu falei do ProUni, eu desço do palanque, lá em Natal, e uma menina veio me abraçar,



chorando, que ela conseguiu passar no vestibular e vai entrar no ProUni para fazer Medicina. No Nordeste nós estamos fazendo muitas extensões universitárias, e tudo isso é salto de qualidade.

A coisa que me deixou feliz, também, é que quando o IBGE fez uma medida no ano passado, uma pesquisa para apurar o grau de consumo da sociedade brasileira, as classes D e E do Norte e do Nordeste consumiram mais do que as classes A e B do Brasil, numa demonstração de que o povo pobre está tendo possibilidade de ir às compras, de visitar *shopping*. Há 30 anos, se falar em *shopping* era coisa para a classe média.

Jornalista: É verdade.

Presidente: Pobre passava longe e comprava na bodega da esquina. Agora, não. Agora as pessoas se sentem no direito... É por isso que nós recuperamos bem o salário mínimo. Então, eu acho que as coisas estão melhorando, o Nordeste está melhorando, e eu penso que mais dez, 12 anos de políticas contínuas de desenvolvimento, fazendo estaleiro, investimento da Petrobras, fábrica de fertilizante aqui em Sergipe, ZPEs aqui em Sergipe, a gente vai criando as condições para que o estado se transforme num estado com uma qualidade de vida extraordinária. E eu trouxe o Ministro dos Transportes porque hoje, finalmente, ele vai dar ordem de serviço, e eu queria pedir para você, André...

Jornalista: Pois não.

Presidente: ...ser uma espécie de fiscal da BR-101, porque a gente vai dar ordem de serviço e quando a gente dá ordem de serviço, a gente quer que as máquinas comecem a soltar fumaça e a produzir.



Jornalista: Inclusive, eu conversava há pouco com o Nelson e falava. A BR-101, Ministro, inclusive, aqui passou e passa ainda por um início de duplicação que tem demorado muito, tem sido alvo de críticas. Eu queria saber: a partir de agora, com esses novos lotes que vão ser colocados em prática, aí, para a duplicação, a coisa vai andar mais rápido? O sergipano pode aguardar essa duplicação em curto espaço de tempo?

Ministro dos Transportes: Claro. O que nós estávamos fazendo ainda era uma adequação de capacidade no trecho que vai de Estância até a divisa Bahia-Espírito Santo.

Jornalista: Bahia-Sergipe.

Ministro dos Transportes: Bahia-Sergipe. Agora nós estamos falando, efetivamente, da duplicação da Rodovia.

Jornalista: Certo.

Ministro dos Transportes: São cerca de 153 quilômetros, que nós estamos dando à utilização hoje. O governo federal vai investir, para duplicar esses 153 quilômetros, cerca de R\$ 663 milhões. Seguindo a determinação do presidente Lula, nós, normalmente, estamos contratando essas obras com diversos lotes, o que significa dizer “poder atacar simultaneamente vários pontos”, e esta obra, ela está dividida em quatro lotes – as empresas que vão trabalhar fazendo terraplanagem, fazendo a via – e mais quatro lotes para aquelas empresas que têm a responsabilidade de construir pontes, viadutos. Isso dá mais celeridade à obra e vocês podem ter a certeza de que o estado de Sergipe vai contar com uma estrada duplicada, dentro dos melhores padrões de estradas duplicadas do mundo.



Jornalista: A expectativa em termos de (incompreensível).

Ministro dos Transportes: A obra se desenvolverá seguindo o seguinte escopo, do ponto de vista técnico: a pista nova será uma pista em concreto, em pavimento de concreto, de cimento.

Jornalista: Certo.

Ministro dos Transportes: E a pista velha será totalmente recuperada. É bom dizer que além dos 153 quilômetros que nós estamos dando ordem de serviço hoje, o presidente, ontem, deu ordem de serviço em Alagoas, para mais 250 quilômetros de duplicação da BR-101. Como nós já estávamos trabalhando em 450 quilômetros dos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, significa que a esses 400 nós agregamos 250 quilômetros, mais 153 quilômetros.

Jornalista: Bem, o governo do estado, o governo do estado vai ter uma parceria, agora, nessa... em um desses lotes, não é isso?

Governador: Só para complementar a informação do Ministro, quando o projeto da obra de duplicação da BR-101 foi concluído, ele parava a duplicação no município da Estância. Quando nós, do governo do estado, constatamos isso, fomos a Brasília e discutimos com o Dnit. E o Dnit mostrou que não tinha condições, naquele momento, de licitar esse trecho. Eu fui ao presidente Lula e como sempre acontece, o Presidente, muito receptivo aos pleitos do estado de Sergipe, me encaminhou à então ministra Dilma Rousseff e nós consolidamos um novo projeto para os 52 quilômetros entre Estância e a divisa com a Bahia



serem executados pelo governo do estado, mas com os recursos, mais de R\$ 200 milhões, repassados pelo governo federal.

Quero lhe informar que o projeto foi licitado, está sendo elaborado, em parceria com o Dnit, e nós esperamos, no segundo semestre, também, deflagrar a obra, Presidente, do último trecho da BR-101. Então, o senhor vai ter, na sua gestão, construído uma obra histórica para o estado de Sergipe. O senhor vai duplicar 100% da BR-101 em território sergipano.

Jornalista: Pois não, Ministro. Pois não.

Ministro dos Transportes: Eu queria complementar aqui, exatamente para dizer, em relação ao que mencionou o governador Déda, o seguinte: a nossa expectativa é que, em setembro, os 52 quilômetros que faltam e que dependiam, naturalmente, de um projeto de engenharia para serem iniciados, em setembro nós estamos trabalhando com a ideia de que se comece, efetivamente, a obra, tenha a obra contratada. A licitação já para os próximos dias e a obra iniciada em breve.

Jornalista: Bem, e estamos, então, testemunhando, não é, Presidente, aí, um fato histórico, porque a BR-101, sem dúvida alguma, é de uma importância fundamental para o estado do Sergipe, em todos os sentidos.

Presidente: André, um fato novo que está acontecendo no Brasil, e é importante as pessoas saberem, é que nenhuma obra, nenhuma obra que tenha tido qualquer problema de paralisação foi por falta de dinheiro, esse é um dado importante.

Antigamente, começava uma obra, o governo fingia que pagava, a empresa fingia que trabalhava e aquelas máquinas ficavam anos e anos e anos



e anos... Nós temos um entorno aqui, em Sergipe, que está desde o governo passado e que não é...

_____ : Desde o primeiro governo de FHC.

Presidente: Desde o primeiro governo de FHC.

Jornalista: É justamente esse trecho que é uma (incompreensível).

Presidente: E eu... E antes de vir pra cá, eu estava cobrando do ministro Paulo Sérgio, por que demorou tanto? Ele estava contando que, só no Tribunal de Contas da União, esse trecho ficou anos, anos. Então, por que eu pedi para você ajudar a fiscalizar, André? Porque, muitas vezes, hoje... Veja, primeiro eu posso te garantir: não falta dinheiro em obra do PAC. Os empresários brasileiros – e eu desafio qualquer empresário, de qualquer área, a dizer se no meu governo faltou um centavo de pagamento para concluir as obras. É ali “pão, pão, queijo, queijo”, porque eu aprendi que se a gente quiser respeito, a gente tem que respeitar. A gente tem que fazer contrato e cumprir cada cláusula do contrato.

Jornalista: Bem, a oposição, Presidente, tem batido muito nessa questão do PAC. Como é que o senhor vê isso? É o único discurso possível hoje para a oposição?

Presidente: Eu acho que a oposição está numa situação difícil, veja, porque, primeiro, os políticos mais experientes de Sergipe sabem que alguns (incompreensível) desde o tempo do Império, outros do tempo do Geisel, eles sabem o seguinte: o último momento em que o Brasil investiu em infraestrutura foi no governo Geisel, em 1975, quando o dólar estava muito barato, a gente



tomou muito dólar emprestado e a gente fez programas de investimentos importantes no Brasil. Em [19]80 nós começamos a pagar o preço disso. Por quê? Porque aí a economia americana entrou em crise – um déficit fiscal muito sério –, o presidente do Banco Central americano, para resolver o problema do déficit fiscal americano, aumentou a taxa de juros, em dólar, que chegou a 21%. A gente, que tinha tomado dólar emprestado a 3%, passamos a pagar 21% de juros, e aí a dívida externa ficou totalmente impagável. Figueiredo não investiu em obras, Sarney não investiu em obras, Fernando Henrique Cardoso não investiu em obras, Collor não investiu em obras...

Jornalista: Itamar.

Presidente: ...Itamar não investiu em obras. Não é que eles não quisessem investir, é que o país estava atolado numa dívida interna [externa], que todos nós falávamos que era impagável, está lembrado?

Jornalista: Com certeza.

Presidente: Eu tenho bursite de tanto carregar faixa “Fora FMI”.

Jornalista: É mesmo...

Presidente: Agora, veja, depois que nós tomamos posse no governo, a primeira coisa que eu fiz foi o seguinte. Eu não gosto de trabalhar com espada na minha cabeça. Em 2004 ou 2005, nós chamamos o Presidente do FMI e dissemos para ele: olhe, nós não queremos mais negócio com o FMI. Está aqui o seu dinheirinho, leve embora. Ele até não queria: “Não, é importante que o Brasil fique...”. Não, mas eu não quero ficar. Leve o seu dinheirinho, que nós vamos ficar aqui. Além disso, nós temos US\$ 250 bilhões em caixa, e ainda



emprestamos US\$ 14 bilhões para o FMI. Hoje não é uma missão do FMI que vem aqui. É uma missão nossa que vai lá fiscalizar o FMI.

Bem, e aí nós resolvemos, resolvemos fazer o PAC. O que é o PAC? Nós assumimos a responsabilidade de comprometer uma parte do orçamento do governo com obras. Tomamos a decisão, e nada, não há nada que faça a gente tirar um centavo do PAC para fazer contingenciamento. A obra do PAC é água... é como água, é como água... pote de água benta, ou seja, é sagrada. A gente não mexe, não tira nada dali, vamos cumprir cada meta.

Então, o Brasil está entrando num círculo virtuoso, tem uma carteira de obras. Tem uma carteira de obra em saneamento básico, tem uma carteira de obra em habitação, tem uma carteira de obra em estrada, tem uma carteira de obra em drenagem, tem uma carteira de obra em saneamento básico. Então, o Brasil entrou num círculo vicioso [virtuoso] que, a cada ano, tem um pouco mais para ser feito.

Olha, a oposição, a oposição, eu fico... Eu fiz oposição, em 1994, contra o Plano Real. Era duro fazer oposição, porque o Plano tinha incrustado na cabeça das pessoas. Agora o que a oposição vai falar? A economia crescendo, você viu os dados do IBGE ontem.

Jornalista: Agora, 9% no trimestre...

Presidente: O salário mínimo crescendo, o Brasil respeitado no mundo inteiro. O emprego...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: ...o emprego, este ano, este ano, nos primeiros três meses, nós já criamos quase um milhão de empregos. Estamos trabalhando...



Jornalista: Sergipe teve um maio com maior geração de emprego desde o primeiro dia que o Ministério do Trabalho começou a pesquisar isso.

Jornalista: Um número espantoso (incompreensível)

Presidente: Nós vamos terminar o meu mandato, André, com aproximadamente 14,5 milhões de empregos com carteira assinada. Enquanto os Estados Unidos perderam 8 milhões de empregos, enquanto a Europa perdeu quase 9 milhões de empregos, nós, no ano da pior crise do mundo, nós criamos 905 mil novos empregos. Então, eu acho que a oposição está em uma situação difícil e eu acho normal que a oposição saía: “falta fazer isso, falta fazer aquilo, falta...”. É o papel dela. Agora a verdade é a seguinte: contra os números não se discute. Nós temos números para debater com qualquer candidato, com qualquer governo, com qualquer... Eu posso te dizer, eu posso te dizer de coração, André: nunca os prefeitos deste país foram tratados com 10% da dignidade que eu os trato, nunca. Enquanto no passado, recebiam um prefeito com policiais e cachorros pastores-alemães, eu, nos meus oito anos de governo, todo ano, eu participei da abertura da Marcha dos Prefeitos. Recebia uma pauta de reivindicação, no ano seguinte, ia prestar conta do que eu atendi, receber uma nova pauta de reivindicação.

Não teve um governador ou prefeito do PFL ou do PSDB, que são meus adversários, que tivesse um tratamento inferior ao que eu dou ao meu compadre Marcelo Déda. É só perguntar para o José Serra, é só perguntar para o Kassab, é só perguntar para o Alckmin, é só perguntar para o Teotônio Vilela. Eu dei para São Paulo dez vezes mais recursos, para o Serra e para o Alckmin, do que o Fernando Henrique Cardoso deu para o Mário Covas, e dei sabe por quê? Porque eu acho que a gente não faz a relação entre governo, a relação é entre povo. O povo de São Paulo merece, então, nós temos que dar. Então, eu acho que isso está criando um certo embaraço para a oposição, está



criando uma certa dificuldade... Eu espero que eles não façam uma campanha raivosa, eu espero que eles não façam uma campanha daquelas de baixo nível, fazendo aquele jogo rasteiro... Vamos fazer a campanha em um nível alto, vamos debater economia, vamos debater desenvolvimento, vamos debater inovação tecnológica, vamos debater educação, porque eu acho que o povo vai ficar muito mais satisfeito.

Jornalista: Presidente, o Senado, na madrugada aí, fez uma aprovação... Aprovou a emenda que muda a divisão dos recursos do petróleo. Eu queria que o senhor... Eu sei que o tema aqui é mais Sergipe, óbvio que a gente quer falar sobre recursos para o povo sergipano, agora, eu queria saber, por exemplo: em uma época, em um ano eleitoral como este, como é que o senhor vê um tipo de emenda, de ação no Congresso do jeito que coisa está acontecendo. Que análise pode ser feita?

Presidente: Olha, eu fico... Eu, às vezes, fico constrangido porque, em ano eleitoral, é sempre muito delicado você colocar coisa para votar no Congresso Nacional, porque os deputados e senadores ficam muito mais, eu diria, sensíveis à pressão de prefeitos, à pressão de sindicatos, à pressão da sociedade. Então, é um momento quase atípico de votação. Há quem diga que não deveria se votar nada em ano eleitoral. Veja, de qualquer forma, eu acho que o Congresso Nacional contribuiu muito com o meu governo, votou 99% das coisas que nós queríamos que fossem votadas... Quando há algum exagero eu veto. Agora eu tenho que me debruçar sobre a questão do aumento dos aposentados.

Jornalista: É verdade.

Presidente: Eu tenho que tomar a decisão até o dia 15, no pré-sal eles



votaram a coisa mais importante que era a partilha. Está garantido o novo modelo de exploração de petróleo no Brasil, mas eles carimbaram muito o Fundo Social, ou seja, 50% para a educação. Daqui a pouco tem 50% não sei para quê. Daqui a pouco o governo não tem como fazer política social porque já está carimbado. Mas, tudo isso nós vamos conversar e vamos ver o que é possível a gente fazer, porque vai voltar para a Câmara dos Deputados.

Eu acho que as pessoas, muitas vezes, pensam que votar facilidade, votar benesses, ajuda eleitoralmente. Não ajuda. Não ajuda porque o povo brasileiro está compreendendo que o momento que o Brasil está vivendo é outro e ele sabe que nós poderemos fazer qualquer coisa, mas não podemos perder a seriedade com a estabilidade econômica, com o controle da inflação e com o crescimento sustentável que nós queremos para dez ou 15 anos. Eu não quero uma economia crescendo 10% num ano, 0% no outro, 10%... eu quero ela crescendo de 5 a 6% durante vários anos, para que a gente possa dar a este país o privilégio de se transformar na quinta ou quarta economia do mundo nos próximos dez anos. O Brasil pode, tem condições, basta que os governantes e a classe política ajam com seriedade, e eu não abro mão disso. Nós estamos a seis meses das eleições. Não, seis meses, não. A quatro meses das eleições.

Jornalista: É, está bem mais próximo.

Presidente: Eu digo para você uma coisa, André, digo para você uma coisa. Eu sempre conto para os meus amigos o seguinte. Uma coisa que mais marcou a minha vida foi um dia em que o meu filho caçula, que hoje trabalha no Corinthians, estava na escola, chegou em casa e pediu para mim para ir para Miami porque toda a classe dele ia para Miami. Eu disse: você não vai porque eu não tenho dinheiro. Então, da mesma forma que eu tive coragem de dizer para o meu filho “não tenho dinheiro”, eu tenho coragem de dizer para o



povo brasileiro: não vou fazer isso. Porque, se eu fizer isso, parece bom agora, mas amanhã o prejuízo será em cima do povo pobre.

Jornalista: Por exemplo, os aposentados. A oposição está esperando um posicionamento seu, Presidente, que possa lhe prejudicar, talvez até eleitoralmente, nas suas pretensões deste ano. Como é que o senhor vê isso?

Presidente: Primeiro que eu não tenho pretensões para este ano. Eu estou... Eu posso te garantir uma coisa. Primeiro, André, eu tenho consciência, eu tenho consciência de que o povo brasileiro, o povo brasileiro sabe que não tem nenhum deputado, nenhum senador que goste mais de trabalhador do que eu e que defenda os seus interesses mais do que eu. Não é alguém tagarelar na televisão ou no palanque que vai fazer o povo dizer: “Ah, esse é meu amigo. O Lula não é”. O povo sabe, o povo sabe que eu sou amigo dele. O povo sabe que eu sou do meio dele e, portanto, eu vou fazer aquilo que eu achar que devo fazer. Se eu tiver que dizer “não”, eu vou dizer “não”, e vou para a televisão explicar porque vou dizer “não”. Vou dizer, porque foi [é] irresponsável alguém botar uma coisa comprometendo o próximo governo.

Eu não vou deixar esqueleto para quem vier depois de mim. Eu estou pagando quase R\$ 7 bilhões por ano, de esqueleto na Previdência, por conta do Plano Bresser, por conta do Plano Verão, por conta do Plano Collor, por conta do plano não sei das quantas. Eu não quero deixar esqueleto. Eu quero fazer as coisas acontecerem da melhor maneira possível, e não quero comprometer quem vier depois de mim. Quem vier depois de mim, eu quero que pegue um país mais acertado e com muito mais expectativa e esperança do que as pessoas têm no meu governo. Portanto, eu não brincarei em serviço.

As pessoas perguntam: “Por que é que você não fala logo o que vai fazer?”. Porque um magistrado não se pronuncia fora dos autos do processo. Deixa eu receber... sentar à minha mesa...



Jornalista: O advogado Marcelo Déda gostou agora.

Presidente: ...deixa eu sentar à minha mesa, analisar economicamente o que é bom e o que é ruim, aí tomarei a posição e anunciarei ao Brasil.

Jornalista: Presidente, além da BR... da duplicação da BR-101, desse sonho antigo, com toda a certeza dos sergipanos, o senhor veio hoje trazer novidades, aí, na área da educação, esse Programa Caminho da Escola, que é um programa muito interessante, e que aqui em Sergipe é um programa que vai beneficiar 30 municípios, não é isso, Governador? Aproximadamente 30 municípios, não é?

Governador: Eu quero lembrar, Presidente, que o Ministério da Educação, numa audiência que o Ministro me concedeu no ano passado, fez um desafio, daqueles desafios saudáveis. Disse: “Governador, se o senhor entregar 35 ônibus às prefeituras municipais de Aracaju, de Sergipe, eu complemento os 35 que faltam”. Porque nós temos aqui 75 municípios... Enfim, os 40 que faltam. Eu disse: Ministro, para cada ônibus que o governo federal colocar em Sergipe, o estado coloca outro. Nós já entregamos, Presidente, 75 ônibus dentro do Programa Caminho da Escola, com recursos próprios do estado, e o governo federal está entregando mais 75 em contrapartida, além de outros que já entregou, face a emendas parlamentares e a contatos que o próprio Ministério fez com prefeitos. Então, o senhor está fazendo aqui um esforço, que só quem é do Nordeste e do interior brasileiro sabe o valor, que é transporte escolar com ônibus moderníssimos – o senhor vai ver vários deles hoje –, ônibus preparados para subir em pé de coqueiro. Não é para subir em ladeira, não. É para subir em pé de coqueiro.



Presidente: Mas é uma coisa importante, viu, Marcelo Déda, porque quando nós decidimos fazer o Programa, que nós entramos em contato com as empresas, a gente pediu para fazer um ônibus adequado à realidade de uma rua sem asfalto, porque às vezes o ônibus passava numa valeta, aquela parte traseira do para-choque do ônibus, ficava na terra, o pneuzinho do ônibus ficava...

Jornalista: Até porque a realidade por aqui é bem diferente.

Presidente: Então, nós resolvemos adequar os ônibus à realidade de cada região, e é um programa muito importante porque possibilita que as pessoas pobres, do campo, se dirijam à escola todo santo dia. Mas eu vim aqui também por causa do Programa Minha Casa, Minha Vida. Eu vim aqui também porque... dizer ao Marcelo Déda, dizer aos prefeitos, ao Edvaldo o seguinte: nós, agora, aprendemos uma lição de vida, André, que é a seguinte. Na verdade, na verdade, no Brasil não falta dinheiro. No Brasil faltam projetos. Não tem presidente da República que recuse dar dinheiro para um governo, para um prefeito que apresente um projeto consistente. O que acontecia, e nós descobrimos quando chegamos ao governo, é que você não tinha uma prateleira de projetos. A pessoa tinha intenção: "Ah, eu quero urbanizar uma favela". Agora, quando você falava: tudo bem, cadê o projeto executivo? Não tinha. Aí demora para fazer, porque depois você tem que pegar licença ambiental, depois você tem que enfrentar o Ministério Público, depois você tem que enfrentar a disputa nas licitações. Quando você pensa que está tudo resolvido, a empresa que perde entra com um pedido de liminar, demora mais um ano. É muito difícil, muito difícil. Por isso é que nós estamos querendo mudar a Lei de Licitação para que a gente possa dar mais seriedade e mais facilidade, para que a gente conduza as obras.



Jornalista: O senhor falou no Minha Casa, Minha Vida, e está acontecendo em Aracaju, no Centro de Convenções, o Feirão da Caixa Econômica. Eu estive, ontem à noite, por lá... É algo impressionante. A procura da população pelos benefícios do Minha Casa, Minha Vida é algo que realmente está mexendo com o setor, que é um setor que emprega bastante.

Presidente: (incompreensível) uma coisa, uma coisa fantástica...

Jornalista: No Nordeste, mais de meio bilhão, é o número apresentado.

Presidente: Para você, que é um jornalista bem informado. Primeiro, o Feirão é sucesso dos sucessos. Marcelo Déda, se você não foi, vá a uma, porque não tem feira de moda, em Paris, que junta a quantidade de gente que junta o Feirão da Casa Própria. É uma coisa... Eu fui a uma em São Paulo e quero ver se vou a uma ainda este ano, talvez, eu vá, em Minas Gerais, se der... Combinar a agenda. É um negócio fantástico! Tem gente vendendo em um dia o que não vendia em um ano.

Bem, qual é o problema que nós temos hoje? A Caixa Econômica Federal, André, em 2002, o total de investimentos que ela teve em habitação foi de R\$ 5 bilhões, no ano passado foi R\$ 47 bilhões e, neste ano, ela está trabalhando com R\$ 55 bilhões. O BNDES, quando eu cheguei ao governo, o máximo que ele financiava eram R\$ 38 bilhões, no ano passado foram R\$ 139 bilhões. O nosso querido BNB, que você tão bem conhece, o BNB...

Jornalista: Importante para o desenvolvimento (incompreensível).

Presidente: O BNB, em 2002, sabe qual foi o total de financiamento que ele fez para o Nordeste? R\$ 262 milhões. Sabe quanto ele fez no ano passado?



R\$ 22 bilhões. Esses números eu estou dando para mostrar a evolução que o Brasil teve nesse período.

Quando eu cheguei, no ano passado, e falei para a Dilma: Dilma, eu quero que você procure os empresários e proponha para eles que eu quero fazer um grande programa habitacional. Aí, a Dilma procurou os empresários, e os empresários disseram: “nós podemos fazer 200 mil casas”. Eu falei: 200 mil casas não é um grande programa, eu quero um grande programa. Aí, a Dilma voltou a procurar eles, e eles falaram: “ah, nós não estamos preparados”. Eu falei: “vamos conversar com o Guido”, o Guido propôs 500 mil casas, e eu falei: “não vai fazer 500 mil casas, vamos fazer um milhão de casas, vamos fazer um milhão de casas”. Aí, pegamos a Caixa Econômica, fomos estudar a quantidade de penduricalhos que a Caixa Econômica colocava para vender uma casa de 40 metros quadrados. Às vezes, às vezes, o pobre pagava mais da mensalidade do seguro da casa do que da prestação da casa. Então, nós fomos acabando com isso, fomos acabando. Hoje, hoje nós estamos subsidiando a casa... O nosso ministro das Cidades está aqui, colocamos um milhão de casas em março do ano passado, Marcelo Déda, quando completou um ano... Hoje, nós temos, na Caixa mais de 900 mil casas em análise e já temos 480 mil contratadas. Nós vamos, este ano, vencer o primeiro Minha Casa, Minha Vida e nós vamos... Já anunciamos o segundo programa de dois milhões de casas.

Você poderia perguntar, André: Presidente, por que você está anunciando o programa se você vai terminar o teu mandato no dia 31? Sabe por quê?

Jornalista: Está faltando pouco tempo, não é, Presidente?

Presidente: Sabe por que, querido, eu coloquei dinheiro? Porque eu quero colocar no orçamento de 2011, que vai ser enviado para o Congresso Nacional agora, em agosto, eu quero colocar dinheiro já para o próximo governo.



Jornalista: Já quer deixar amarrado, não é?

Presidente: Lógico, porque se eu não colocar, o Congresso fará o orçamento do jeito que quiser e aí quem ganhar as eleições – que eu espero que seja a minha candidata –, quem ganhar as eleições vai começar fazendo projeto do zero. Não, eu quero que comece já numa caminhada forte.

Então, eu estou muito feliz, o Programa é um sucesso extraordinário. Aliás, um dado, Déda – você que tem a memória boa –, que eu vou te dar. Quando eu cheguei ao governo... Você sabe que eu sempre me considerei um socialista, sempre critiquei a sociedade de consumo, e na crise econômica fui para a televisão fazer apologia do consumo, fui pedir para o povo consumir.

Mas eu descobri que o Brasil não tinha crédito. Então, nós éramos um país de economia capitalista, em que a gente não tinha nem crédito, nem financiamento. O Brasil inteiro, André, o Brasil inteiro tinha R\$ 380 bilhões de crédito. Hoje, só o Banco do Brasil tem mais que isso. Agora, sabe qual é o crédito do Brasil hoje? R\$ 1 trilhão e 500 bilhões. Só o crédito consignado, que é crédito para pessoas, para os pobres que trabalham, para os aposentados, tem no mercado R\$ 120 bilhões. Aí, quando você pergunta: por que a economia está crescendo? Por que o povo do Nordeste está comprando? Por que esse povo do Nordeste...

Jornalista: O senhor se assusta, Presidente, com esse crescimento? Eu sinto que a sua equipe econômica tem um certo temor com o crescimento por causa da inflação.

Presidente: Nós temos precaução. Sabe quando o técnico fala para o lateral esquerdo: “Não vai muito para a frente porque no contra-ataque você pode sofrer um gol”?



Jornalista: Está certo.

Presidente: Então, nós temos que ir até onde a gente possa estar garantido.

Jornalista: Os cuidados (incompreensível).

Presidente: Eu quero marcar um gol, mas não quero tomar um gol. Então, nós temos precaução, não é medo do crescimento. Nós... Eu falei: eu não quero que a economia brasileira cresça [com] efeito sanfona: abre, fecha, abre... Eu quero que ela cresça de forma constante durante vários anos. Se crescer 5%, 6%, é um crescimento excepcional, e a gente, então, vai se transformar nessa grande economia, que é o meu sonho.

Por falar nisso, André, chegou aqui o Fernando Haddad, o nosso ministro da Educação, que está fazendo uma revolução na educação. Eu vou te dizer uma coisa, André. Veja a ironia do destino, veja a ironia do destino: em 500 anos de Brasil, eu sou o primeiro presidente a não ter diploma universitário, e já sou o Presidente da República que mais fez universidades na história do Brasil. Portanto, os doutores que foram presidentes vão ficar devendo para mim, devendo para mim.

Jornalista: Doutor *honoris causa*, não é?

Presidente: Nós já fizemos mais universidades, Marcelo Déda, e mais escolas técnicas. Em 93 anos, a elite brasileira fez 140 escolas técnicas, Em oito anos, nós estamos fazendo 214 escolas técnicas, ou seja, em oito anos, estamos fazendo uma vez e meia mais do que eles estão fazendo, Marcelo.

Jornalista: Presidente, só para dar uns detalhes, trazer um pouco a conversa



aqui para o estado, quando o senhor chegou à Presidência, nós só tínhamos o campus de São Cristóvão, que é aqui vizinho a Aracaju, e o Hospital Universitário, que funciona aqui na capital. Durante o seu governo, a universidade chegou ao interior do estado de Sergipe, primeiro em Itabaiana. Aliás, em Itabaiana, Presidente, recentemente o DNIT deu ordem de serviço para uma obra de adequação de toda a BR-235, no trecho em que ela corta a cidade de Itabaiana, melhorando as condições de segurança e de conforto daquela população. Mas eu vou continuar, estava lá... Está lá, o campus de Itabaiana, funcionando, Presidente, uma beleza, é algo emocionante ver a juventude itabaianense, que é uma das mais estudiosas do estado, com a sua universidade, oferecendo oportunidade de futuro para aqueles jovens. Depois, o senhor veio, aqui, e inaugurou, onde era um quarteirão de ruínas, o senhor, através do Projeto Monumento em parceria com o governo do estado, recuperou aquele quarteirão, devolveu o patrimônio histórico do povo de Sergipe, e lá dentro, dos prédios recuperados instalou o campus da cultura da Universidade Federal de Sergipe, onde funciona o curso de Teatro, o curso de Arqueologia, curso de Arquitetura. Lá, em Laranjeiras...

Jornalista: Minha terra.

Governador: ...cidade histórica, terra de André. E o senhor está levando à cidade de Lagarto um campus da saúde. Eu quero aproveitar a sua presença, Presidente: me ajude a agilizar a tramitação da autorização para o curso de Medicina e Odontologia. Enganchou no Conselho Nacional de Saúde...

Presidente: Mas, fale olhando para o Fernando Haddad, logo.



Governador: Já olhei para ele, aqui, ó! O senhor não viu a olhada que eu passei para ele aqui, Presidente. O senhor não viu o “olhar 45” que eu dei para o ministro aqui, agora, entendeu? Pois bem...

Jornalista: Tem que desenganchar. Aliás, nós estamos com dezenas de milhares de sergipanos ouvindo, agora, o ministro.

Governador: Pois é. Então, resultado: esse campus em Lagarto, Presidente, é um campus da saúde. O senhor sabe o orgulho que me dá? É porque nós vamos ver, tanto eu quanto o senhor – o senhor é um pouco mais velhinho do que eu –, nós vamos ver os filhos do plantador de laranjas, do Treze, lá em Lagarto, nós vamos ver os filhos dos plantadores de milho da minha terra, Simão Dias, sendo formados médicos, odontólogos, fisioterapeutas, coisa que era impossível de acontecer, porque, Presidente, como o senhor disse há pouco, o curso de Medicina é caro. Como é que um cabra que mora em Poço Verde vai pagar para o filho vir para Aracaju, pagar pensão, pagar livro, pagar... Não pode trabalhar, porque Medicina é de manhã, de tarde e de noite.

Presidente: É quase R\$ 5 mil um curso de Medicina.

Governador: ...Um curso de Medicina (incompreensível), e agora, vai ter lá, em Lagarto, pública, a porta da casa dele. Então, só na área de ensino universitário, o senhor já é digno do aplauso do povo de Sergipe.

Escola técnica, Presidente, tinha duas escolas técnicas aqui: uma em Neópolis e outra que o senhor inaugurou aqui, em Aracaju, que o senhor esteve aqui, há um ano, no dia dos namorados do ano passado. O senhor está quase completando um ano que esteve aqui.

Jornalista: Gostou da data, gostou da data.



Governador: Pois bem, foi construída no governo do doutor Albano Franco e no governo seguinte, porque tinha sido construída no governo anterior, ficaram as obras paralisadas... Ficaram paralisadas. Quando nós chegamos ao governo, procuramos o ministério, retomamos as obras e, hoje, nós estaremos formando agora, em junho, a primeira turma de uma escola técnica estadual aqui, em Sergipe, escola construída pelo governo federal. Sem falar as outras que estamos fazendo na Estância, em Glória, em Simão Dias, em Socorro, que serão financiadas pelo Ministério da Educação. Não existe, para usar uma frase que o senhor gosta muito, nunca antes na história de Sergipe, houve tanta escola técnica, tanta universidade, tanta vaga para quem quiser estudar e confiar no futuro.

Jornalista: É... Os investimentos na área de educação têm sido vultosos. Agora, eu gostaria de saber, por exemplo, hoje, o que é que, para o presidente Lula, o senhor que está falando aí para esses ouvintes que estão atentos, querendo uma impressão mais forte do Presidente, não é, nesta visita. Até porque a chuva está atrapalhando o senhor ir pessoalmente aos locais, mas está falando ao vivo, aqui, pela FM Sergipe para todos eles. O que está tocando no presidente Lula neste momento, a poucos meses do término do mandato, o que toca mais seu coração, Presidente, das dificuldades, qual foi, digamos assim, o calo do sapato, aquilo que o senhor não conseguiu ainda resolver e que talvez não tenha tempo de fazer, não só pelos sergipanos, mas pelo povo nordestino, brasileiro mais carente?

Presidente: Olha, certamente, André, falta muita coisa para ser feita. Eu acho que eu vou ter uma ideia e uma dimensão do que eu deixei de fazer quando eu deixar a Presidência, alguns meses depois, [quando] a cabeça estiver processando as coisas que foram feitas. Certamente, falta muita coisa para



fazer ainda na área de educação, na área da saúde, na área do emprego, na área do desenvolvimento, na área da infraestrutura, porque a gente não consegue consertar em oito anos os desmandos de 100 anos ou de 500 anos.

O Nordeste era dado, pela maioria dos governantes, como uma parte do Brasil que não deveria merecer atenção do governo federal e receber investimento. Ou seja, era uma loucura, você ter um Brasil com o padrão europeu e ter um Brasil com o padrão africano. Nós, então resolvemos quebrar esse gelo a que o Nordeste tinha sido submetido.

E acho que o Nordeste tem crescido acima da média nacional. Você não imagina a alegria dos governadores. Ontem, Marcelo Déda, todos me ligaram: Wagner, Eduardo Campos... “No meu estado foi o recorde de emprego, no meu estado...”

_____ : (incompreensível) também?

Presidente: Está todo mundo feliz, o Nordeste voltou a ter autoestima. Eu sinto que o Nordeste está com uma autoestima, as pessoas estão percebendo que as coisas estão acontecendo... E eu digo para todo mundo: o Nordeste cansou, cansou de ouvir: “Ah, o nordestino é bom, porque vai para São Paulo para trabalhar de pedreiro”. Nós não queremos mais isso, nós queremos trabalhar como engenheiro, como médico, como dentista, como fisioterapeuta, como disse o Marcelo Déda, como engenheiro agrônomo... Ou seja, nós queremos ser “doutores” também. O Nordeste não quer aparecer nas estatísticas como campeão de mortalidade infantil, campeão de desnutrição, campeão de analfabetismo... Isso foi no século XX, meu filho. Agora, nós estamos no século XXI, e nós queremos que o Nordeste se transforme.

Eu vou te contar uma coisa, André.

Jornalista: Pois não.



Presidente: Uma coisa que me inquietava no Nordeste era o seguinte: eu ia, vinha fazer comércio por aqui, nos anos 80, nos anos 90, e eu via pessoas de 17 anos de idade, 18 anos, meninas e meninos sem dente na boca. Eu ficava agoniado, sabe? Tinha pessoas que sorriam para a gente, colocavam a mão na boca para esconder que não tinham dente.

Aí, eu resolvi criar um programa chamado Brasil Sorridente. Não sei quantos consultórios tem aqui em Aracaju, em Sergipe. Tem nove?

_____ : Centros de especialidades, nove centros.

Presidente: Nove centros de especialidades. Mas agora eu descobri que não basta fazer um centro na cidade. Eu descobri que tem gente que mora tão distante que, se a gente não levar até lá o dentista, ele não vem até o dentista. Então agora, Marcelo, além de tudo o que nós já fizemos, nós agora vamos fazer 160 ambulâncias para todas... todos os Territórios da Cidadania vão receber ambulâncias, cada ambulância com duas cadeiras de dentista, e vamos andar pelo Brasil afora, tirando moldes das pessoas, aí o protético faz a prótese... Porque, rico é prótese, pobre é dentadura, perereca.

_____ : É verdade.

Presidente: Agora, (incompreensível) é prótese. Então, nós vamos fazer a prótese, vamos lá colocar na boca dele, se não servir vamos voltar e consertar... Não vai ser como antigamente, que ia uma cesta de prótese, enfiando na boca, às vezes, era pequena demais, às vezes grande demais, está lembrado?

Jornalista: Estou lembrado.



Presidente: Então, nós vamos tratar o povo com respeito, rapaz.

Jornalista: Isso, antigamente, Presidente, era moeda de política no interior do Nordeste, e agora é cidadania.

Jornalista: (incompreensível) cheio de dentadura.

Presidente: Então, André, eu acho que as coisas vão melhorar. Eu fico feliz quando a gente tem a imprensa séria, jornalistas sérios, que cobram, que cobram duro do governo, porque o governo tem que ser cobrado. Se o governo não é cobrado, ele pensa que está tudo maravilhoso, porque o governo, também, tem muito puxa-saco, não é? Muita gente fica perto do governo, e às vezes ninguém, ninguém fala mal das coisas que não estão acontecendo.

Eu, graças a Deus, tenho uma equipe de vanguarda, que trabalha comigo só para dizer “tal coisa não está bem, tal coisa não está andando, tal coisa...”, para eu poder chamar meus ministros, reunir... Às vezes os ministros me enganam (incompreensível). Tem uma divergência entre dois Ministérios, eu peço para eles se juntarem e entrarem num acordo. Aí um fica enganando o outro. Aí passam seis meses, passa um ano, tem que juntar os dois à mesa e falar: vamos tomar...

Jornalista: Dar um puxão de orelha.

Presidente: Eu acho que o pessoal aprendeu a trabalhar. Eu tenho a convicção, André, de que quando eu deixar o governo, que começar aquele processo de maturação das coisas que foram feitas, eu acho que nós vamos ter...



Jornalista: O balanço, o senhor acha que vai ser positivo?

Presidente: Altamente positivo, até porque eu já... Todo ministro meu sabe que no dia 31 de dezembro... Dia 31, não, antes um pouco, eu quero ter, de cada Ministério, de cada área do governo, eu quero apresentação de tudo o que foi feito nos meus oito anos, registrado em cartório, colocado em DVD, para que a gente distribua para universidade, para que a gente distribua para as redações dos jornais, para que a gente distribua para o movimento sindical, para que quem vier a governar tenha aquilo como paradigma, e para a sociedade aprender que ela conquistou e que ela pode conquistar mais. Hoje, eu não encontrei nem a agenda dos ex-presidentes, nem a agenda lá no...

Jornalista: Palácio.

Presidente: ...no Palácio. Eu, talvez seja o único presidente que a minha agenda está na internet. Quem quiser saber a minha agenda, é só entrar no *site* da Presidência e vai pegar a minha agenda.

Jornalista: Presidente, para a gente encerrar, a pergunta que todo mundo quer fazer é em relação ao projeto do político Lula. Estão falando aí em ONU, falando em Banco Mundial. O que o presidente Lula, depois do dia 31, pretende fazer? Está com projeto internacional mesmo, ou fica por aqui?

Presidente: Não, não, não, não, não tem, não tem, isso é tudo, tudo fantasia. As pessoas ficam “viajando na maionese” e ficam propondo coisas. Primeiro, eu tenho clareza de que você não pode ter um secretário-geral da ONU que seja um político que tenha mais força do que muitos presidentes. O secretário-geral da ONU tem que ser um burocrata, funcionário dos países, portanto, ele não pode ser mais forte do que ninguém. Ele tem que ser (incompreensível)



dos presidentes, então tem que ser um burocrata. Eu fico imaginando, se pudesse ser um dirigente político, amanhã colocar o presidente dos Estados Unidos na ONU. Aí desgraçou tudo. É preciso que tenha um burocrata. Por quê? Um burocrata que não mande mais do que os presidentes, mas que obedeça à orientação dos chefes de Estado, que são a razão de ser da ONU.

A segunda coisa, eu, se tivesse que trabalhar no Banco Mundial, eu ia fazer um concurso no Banco do Brasil que está mais próximo de mim. Eu, sinceramente, eu vou continuar fazendo política, eu quero descansar um pouco, eu quero viajar, quero passar uns dias pelo Nordeste, vindo às praias, porque nunca me levaram nas praias para tomar banho, tomar um banho de praia sem nenhum compromisso.

Jornalista: Quer dizer, Marcelo Déda está em débito com o senhor?

Presidente: Está em débito.

Governador: Na Presidência, mas aqui é Mosqueiro, entendeu, Atalaia, tudo isso ele conhece (incompreensível)

Presidente: Mas foi para trabalhar.

Jornalista: Agora, Presidente, realmente, olhe, nós estamos aí com os pleitos, pleitos dos sergipanos, não é? Aracaju, como subsede da Copa de 2014. É um pleito não só do Marcelo Déda, como de todos os sergipanos. Outra coisa, São Cristóvão, a nossa querida cidade histórica, a quarta mais antiga do Brasil, está aí caminhando...

Governador: R\$ 40 milhões de investimento do governo federal na recuperação de prédios em São Cristóvão e Laranjeiras.



Jornalista: Certo. Mais uma razão para a gente ter, aí, o governo federal somado nessa campanha, aí, para transformar a Praça São Francisco em patrimônio da humanidade, não é? Então, são esses pleitos dos sergipanos...

Presidente: E mais, viu, André, e mais ainda. O Marcelo Déda sabe, os prefeitos sabem o seguinte: nós estamos em uma fase de conclusão do PAC 2. Em um primeiro momento, os governadores e prefeitos mandaram projetos – o ideal é que o governador seja o responsável por levar os projetos dos prefeitos para a gente escolher os prioritários – e a gente já assumiu o compromisso de comprometer o governo federal e o governo estadual com os próximos quatro anos, independentemente de quem governa. Mas as obras prioritárias estão ali marcadas, o dinheiro está disponibilizado e se o prefeito quiser fazer, faça. Nós, agora, tivemos um problema. Muitas obras do PAC, o prefeito que ganhou dizia: “Essa não é minha prioridade. Eu quero o dinheiro para outra obra”. Não, não tem dinheiro para outra obra, não. Vai acabar o que começou, cabrinha. Não vai ficar jogando dinheiro fora porque aqui não tem dinheiro para jogar fora, não. Não vai inventar a sua obra. A obra é do município.

Com essa seriedade, eu tenho certeza que Sergipe, que já é um estado... por ser pequeno, é o estado que tem mais condições de elevar a qualidade de vida do seu povo de forma extraordinária.

Essa duplicação da BR-101 vai facilitar o turismo aqui. Acho que, como Sergipe está muito próximo de Salvador, é bem possível que Aracaju possa servir de base de treinamento de uma Seleção. Aí Marcelo Déda vai ter que conversar com o Ricardo Teixeira, vai ter que conversar com o Ministro do Esporte, porque aí tem todo um jogo a fazer...

Jornalista: Sim.



Presidente: Viajar, quando forem divulgadas as Seleções que irão participar da chave que vai jogar na Bahia, e procurar as Seleções...

Jornalista: Tem que fazer um *lobby* muito bem feito.

Presidente: Tem que fazer um *lobby* bem feito.

Jornalista: Eu só preciso de uma carta de apresentação daquele que trouxe as Olimpíadas e trouxe a Copa do Mundo para o Brasil.

Presidente: Eu farei tudo o que estiver ao meu alcance. Eu vou estar disponível. Obviamente que eu construí uma relação de amizade muito forte e eu, obviamente, estarei pronto para trabalhar por Aracaju, de graça, sem ninguém precisar me pagar um centavo de consultoria, apenas para concretizar a parceria e o compadrio entre eu e o Marcelo Déda.

Jornalista: Presidente...

Jornalista: E é ruim porque é sempre muito cobrado, diga-se de passagem, não é?

Governador: É verdade, mas é uma relação que nasceu há muitos anos na luta pela construção de um Brasil novo que eu, graças a Deus, estou vivo para testemunhar, vendo Lula presidindo com tanta competência, coragem e força o nosso país.

Presidente, outro detalhe que eu queria lhe pedir, publicamente, o seu apoio. É óbvio que o senhor, como Presidente da República, tem inúmeras limitações. Mas a Unesco vai se reunir em Brasília. E aqui está o ministro da Educação também. São Cristóvão é a quarta cidade mais antiga do Brasil, e a



nossa Praça São Francisco é a única praça que foi construída no Brasil com base nas Ordenações Filipinas, que era uma lei de Filipe, que era rei de Espanha e rei de Portugal. Então, é uma praça, uma ex-colônia de Portugal que reflete o urbanismo das colônias da Espanha. É algo inusitado. E é a quarta cidade mais antiga do Brasil. Então, Sergipe se inscreveu na Unesco, tivemos uma pré-aprovação no Canadá, e aqui, em Brasília, uma das cidades que vão estar sendo examinadas para serem declaradas patrimônio da Humanidade é a nossa primeira capital, São Cristóvão. Nós estamos fazendo uma grande campanha, “São Cristóvão, berço de Sergipe, patrimônio da Humanidade”, e eu tenho certeza que o Presidente e o cidadão Luiz Inácio Lula da Silva vai apoiar Sergipe nesse objetivo.

Presidente: Ah, pode contar, Marcelo Déda. E nós faremos isso com prazer, porque eu tenho certeza que o nosso ministro da Cultura já está empenhado nisso.

Governador Marcelo Déda: Dia 21, vem lançar o PAC das cidades históricas aqui.

Presidente: Então, eu acho que nós conseguiremos na Unesco. É só trazer a representante da Unesco aqui...

Governador Marcelo Déda: Já veio, já trouxemos.

Presidente: ...para ver as obras, oferecer um siri mole para ela, uma patinha de caranguejo... Porque, com uma patinha de caranguejo e uma cervejinha gelada...

Jornalista: Fica mais fácil, não é, Presidente?



Presidente: ...fica mais fácil decidir.

Governador Marcelo Déda: E para... Eu estou aqui exercendo ilegalmente a profissão de radialista, mas...

Jornalista: Não, governador Marcelo, o senhor sabe que...

Governador Marcelo Déda: ...a primeira-dama lhe entregou há pouco, a Eliane Aquino, um material que o senhor achou muito interessante. E como é uma luta que o senhor também assumiu nacionalmente, eu quero lhe informar que nós, há dois dias atrás, sob a coordenação de Eliane, tivemos um ato bellissimo, Presidente, um ato de lançamento da campanha “Sergipe contra o *crack* e a favor da vida”. E o mais me emocionou foi um jovem de vinte e poucos anos ir para a tribuna e, no meio de um auditório repleto, dizer: “Olha, eu fui dependente do *crack*, eu ainda estou em tratamento”, e dar um depoimento que deixou todo mundo emocionado. Então, Presidente, para o senhor ter uma ideia, em 2007, os CAPs, que são Centros de Assistência Psicológica dedicados a alcoólicos e *drogadictos*, aqui em Aracaju, tinham 7% de atendimento para dependentes do *crack*. No ano passado, esses 7% pularam para... 62% dos casos de atendimentos nos CAPs são de viciados no *crack*. É uma epidemia social que está atingindo o Nordeste e o interior do estado. E, inspirados na sua decisão política de juntar ministério da Educação, a área de Segurança, a área de Trabalho, enfim, fazer um trabalho interdisciplinar para oferecer futuro à nossa juventude. Aqui, em Sergipe, Presidente, nós lançamos há dois dias e é importante a sua palavra. Porque eu sempre digo aqui: olha, muitos jovens dizem: “Não, mas eu olho para frente e não vejo o futuro”. Eu digo: Que futuro tinha aquele menino em Caetés, perdido no meio do sertão de Pernambuco, se ele não acreditasse, junto com a sua



mãe, com a sua família que esse país poderia oferecer uma vida melhor para ele? E esse é aquele menino que vendeu amendoim, limpou sapato, foi tintureiro, foi operário... Quer dizer, esse menino nunca desistiu e nunca correu para as drogas. Acreditou na realidade e na possibilidade de mudar a realidade. Aquele menino é hoje o Presidente da República. É o melhor exemplo para a juventude brasileira de que, quando se quer, se constrói o futuro. Então, acho que o seu depoimento é importante, Presidente.

Jornalista: (incompreensível) de Sergipe.

Presidente: Ô André, agora já não é mais entrevista, agora é um serviço de utilidade pública.

Jornalista: (risos) Fique à vontade.

Presidente: Não, nós resolvemos, André, enquanto governo federal, coordenar uma grande campanha e uma grande ação contra o crack no Brasil. Nós fizemos uma reunião que envolveu o Ministério da Justiça, o Ministério da Educação, o Ministério da Saúde. Nós queremos reunir todos os governadores, todos os prefeitos das capitais e das cidades maiores, porque... eu quero fazer reunião com o movimento sindical, quero fazer reunião com o movimento social, porque é uma droga poderosa, do ponto de vista dos seus efeitos nefastos ao ser humano. É utilizada com muita facilidade porque é muito barata e o seu efeito é de curta duração, é de cinco a 15 minutos, então a pessoa precisa estar sempre com o cachimbo aceso para poder ficar ligada, e nós não temos ainda especialista para cuidar disso. Então, nós estamos formando...

Jornalista: Uma força-tarefa mesmo (incompreensível).



Presidente: Nós resolvemos colocar R\$ 481 milhões até... ainda neste final de ano, para que a gente, junto com prefeituras... o prefeito que tiver um projeto, Marcelo Déda, ele terá o dinheiro para fazer o centro de reabilitação.

_____: Muito bem.

Presidente: Porque é engraçado, é uma droga que ela, ela é efeito do combate à cocaína. Na medida em que você diminuiu a produção de cocaína por conta da redução da venda de éter, da venda de...

_____: De produtos químicos para...

Presidente: De coisa que mulher passa...

_____: Acetona, acetona.

Presidente: Acetona. Eles, então, estão vendendo a pasta semitrabalhada, e essa pasta é o crack. Então, nós precisamos intensificar... o Ministro da Justiça e a Polícia Federal vão fazer um acordo com a Bolívia para que a gente intensifique o controle das nossas fronteiras, mas, sobretudo, é uma luta que tem que envolver todo mundo. Não é uma luta que a gente pode dizer: "É o governo estadual, é o governo federal, é a igreja evangélica, é a igreja católica". Não! É uma luta de todos nós, porque é uma praga, é como se fosse a peste bubônica que está vindo por aí, e enquanto é tempo nós temos que trabalhar para recuperar. Então, Déda, eu quero te dar os parabéns pelo trabalho. Eliane, meus parabéns. É uma briga que nós vamos fazer. Eu, até o final do ano, vou juntar todos os segmentos da sociedade para que a gente faça um mutirão, talvez nunca visto na história deste país, para a gente combater essa droga que é criminosa.



Jornalista: Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, obrigado, obrigado mesmo pela entrevista, ao governador Marcelo Déda, aos ministros de Estado. A FM Sergipe, a 95,9, está completando aniversário amanhã. Uma entrevista destas é um presente para os sergipanos, principalmente com as novidades e os recursos que estão chegando, aí, do governo federal. Parabéns pelo trabalho. Vamos aguardar, aí, os desdobramentos, não é, até o dia 31 de dezembro, para ver do que o presidente Lula ainda é capaz. O brasileiro fica sempre atento, querendo ver as novidades.

Presidente: André, eu quero, primeiro, te agradecer, agradecer aos ouvintes da Rádio FM Sergipe, dar os parabéns para a direção da Rádio e para os funcionários da Rádio, e espero que no ano que vem, quando eu não for presidente, que eu venha aqui e que você me dê uma colher de chá como esta. O problema é o seguinte, André. Qual é a única preocupação que eu tenho? É que político sem mandato, nem vento bate nas costas. Então, eu espero que...

Jornalista: Sinta-se convidado, viu, Presidente?

Presidente: Está ótimo. Mas, um grande abraço, André, e obrigado pelo carinho.

Jornalista: Obrigado mesmo. Voltamos aos estúdios da 95.9, com Edílson. Edílson, é com você.

(\$31DHJLP)